



KENNETH DAVID JACKSON

# Nabuco a Machado/ Machado a Nabuco

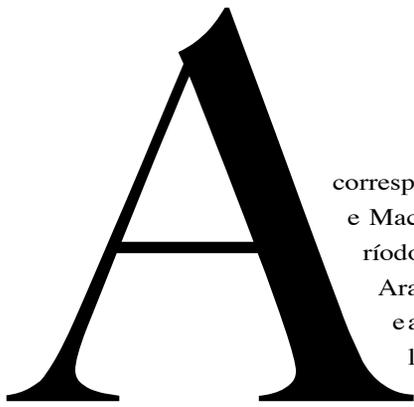
Ressonâncias

de uma

correspondência

**KENNETH DAVID  
JACKSON**

é professor do  
Departamento  
de Português  
e Espanhol da  
Universidade de  
Yale.



A correspondência entre Joaquim Nabuco e Machado de Assis abrange um período de 43 anos (1865-1908). Graça Aranha foi o primeiro a colecionar e anotar essa correspondência, num livro de 1923, reeditado postumamente em 1942. Além de ensaios biográficos e interpretativos, a coleção apresenta 21 cartas sob a rubrica de “Nabuco a Machado” e 32 sob a de “Machado a Nabuco”. As cartas de Machado de Assis na *Correspondência de Machado de Assis*, editada por Fernando Nery (Assis, 1932), igualmente vêm seguidas das respostas de Nabuco, mas sem os títulos; o compêndio contém 19 cartas de Nabuco a Machado e 32 cartas de Machado de Assis a Nabuco, todas datadas a partir de 1882. Os dois volumes das *Cartas a Amigos*, de Nabuco, editadas por Carolina Nabuco (1949), estampam 21 cartas de Nabuco a Machado, sem as respostas. Curiosamente, na *Obra Completa* de Machado, da edição da Editora Nova Aguilar (1979), falta a interessante carta de 19 de agosto de 1906, incluída em todas as edições anteriores. Essa correspondência – Nabuco a Machado e Machado a Nabuco – voltou à atenção dos leitores e estudiosos, depois de uns 50 anos, com a reedição pela Academia Brasileira de Letras, em 2003, dos comentários e notas de Graça Aranha, com um novo estudo de José Murilo de Carvalho. Antecipam-se mais dados, talvez, da edição da correspondência completa de Machado que a Academia prepara em dois volumes, editada por Sérgio Paulo Rouanet, a base da pesquisa de Irene Moutinho e Sílvia Eleutério.

Essa correspondência impressiona, no enfoque do nosso estudo, pelos temas literários, mesmo quando trata de assuntos práticos ou políticos. São esses temas literários e estéticos que aproximam os dois escritores, como Machado observa em 5 de janeiro de 1902: “Apesar da diferença da idade, nós somos de um tempo em que

trocávamos as nossas impressões literárias e políticas...”. Ainda é preciso cautela na leitura das cartas porque há dimensões inesperadas escondidas nas entrelinhas. Há evidências ao longo da correspondência de que Machado encontra em Nabuco certas características de personagem literária. Comenta Rouanet em entrevista a *O Globo* (Bertol, 2008, p. 3): “Há pouco eu folheava crônicas de *A Semana Ilustrada* e, em 1895, ao comentar *Um Estadista do Império*, de Nabuco, Machado usa uma metáfora que está em *Dom Casmurro*, sobre personagens que brotam das páginas”. A primeira carta de Machado, enviada a Londres em 1882, romanesca no espírito das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, trata-se nada menos de um epitáfio, comunicando que o amigo comum, o comendador Joaquim Arsénio Cintra da Silva, cônsul de Bolívia, Paraguai e Venezuela no Brasil, mandou gravar na pedra da sepultura da jovem esposa falecida, D. Marianinha Teixeira Leite, algumas das palavras “de emoção, de verdade e de poesia” que Nabuco publicara em homenagem àquela senhora no *Jornal de Comércio* a 21 de agosto de 1881. Quatorze anos mais tarde, num desdobramento digno de um dos seus contos, Machado escreve novamente a Nabuco, lembrando-lhe a morte de Marianinha – “já lá vão muitos anos” – comunicando que Joaquim Arsénio escolhera para o túmulo da segunda esposa, que falecera, algumas das mesmas palavras com que Nabuco lembrara a primeira: “[...] arrebatada na plenitude da vida, como os anjos da Bíblia, nas vestes deslumbrantes que mal tocavam a terra [...]”. Foi o suficiente para Nabuco ironizar quatro anos mais tarde, ao responder de Paris a uma carta de Machado, a 6 de dezembro de 1899: “Quando vi a sua letra, pensei que era uma terceira edição do famoso epitáfio. Diga logo que sim”.

Fundada no caso do epitáfio e nas impressões de brilho e estilo deixadas em Machado, a correspondência toma novo ritmo só a partir de 1896 e se intensifica depois de mais oito anos. Nessa fase, de 1896 a 1904, as cartas são esporádicas, uma ou duas por ano, com longos intervalos. Continuam formais e retóricas, abrindo só

na última fase, de 1906 a 1908, para tocar em assuntos pessoais, reafirmando e reforçando o respeito estabelecido e mantido através dos anos. A maioria das cartas trocadas entre o escritor e o diplomata – 19 de Nabuco e 29 de Machado – foram escritas nesses doze anos, época em que Nabuco completara 50 anos e Machado 60. Seguem a um período de aproximação e amizade entre os dois no Rio de Janeiro quando, nas palavras de Carolina Nabuco, “já na República, encontraram-se diariamente à tarde para palestrar na Livraria Garnier, ponto de reunião dos intelectuais, depois na *Revista Brasileira*, e por fim na Academia de Letras, de que foram, com Lúcio de Mendonça, os principais fundadores” (Nabuco, 1949, pp. 1-5).

Na segunda carta que Machado lhe dirige, a 29 de maio de 1882, surgem dois dos temas que hão de marcar a profunda impressão que Nabuco deixa em Machado, determinando talvez o diapasão e o ritmo do seu mútuo tratamento. Comovido pela beleza da homenagem que Nabuco fizera a Marianinha, Machado lhe promete um futuro brilhante quase à guisa de cartomante: “A sua hora há de vir... Você tem a mocidade, a fé e o futuro; a sua estrela há de luzir, para alegria dos seus amigos, e confusão dos seus invejosos”. É uma fortuna que faz lembrar as palavras da cabocla a Natividade no Morro do Castelo, no capítulo primeiro de *Esau e Jacó*: “Serão grandes, oh! grandes! [...] Seus filhos serão gloriosos. É só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, cousas futuras!” Já nessa segunda carta Machado atribui a Nabuco a superioridade estética e filosófica de um personagem: “A impressão que V. me faz é a que faria (suponhamos) um grego dos bons tempos da Hélade no espírito desencantado de um budista”. Através dos anos Machado vai continuar a louvar o seu estilo “adiantado e moderado” e seu conhecimento das coisas.

Um segundo tema que Machado levanta a respeito de Nabuco, a 29 de maio de 1882, e que vai se reforçar nas cartas a seguir, nasce com o epítáfio do caso Marianinha: “Compreendo a sua nostalgia, e não menos compreendo a consolação que traz a

ausência”. Machado associa esses temas ao exílio de um conselheiro diplomático, para quem a memória por força substitui a realidade: “Para nós, seus amigos, se alguma consolação há, é a têmpera que este exílio lhe há de dar [...]” (Assis, 1932, pp. 12-3). É nesse tema que se encontra talvez a natureza mais profunda do relacionamento que marca a correspondência futura. Uma condição especial dessa correspondência, a partir dessa fase, é o exílio de Nabuco diplomata, cujas cartas sempre vêm do exterior – quatro francesas, seis inglesas, e sete americanas – e alega Graça Aranha que “Machado de Assis era o companheiro imaginário dessas peregrinações” (Aranha, 1942, p. 41). É a imagem distante que um tem do outro que guia e determina o conteúdo da correspondência, além dos assuntos a serem tratados; as cartas de além-mar intensificam uma imagem abstrata, simbólica e catártica do outro. Começam a aparecer traços da criação de um duplo, um composto imaginativo complexo em que se estabelecem “afinidades secretas” (Rogers, 1970, p. 40), provocadas pela distância. Se considerarmos Nabuco na Europa como um duplo latente, na imagem de Machado, o deslocamento das cartas deste indica uma divisão do ser. O duplo adquire o sentido de uma projeção, ou seja, um estar no mundo dividido entre o Rio de Janeiro e o Velho Mundo, que é para Machado a esfera de sua formação e da origem filosófica e literária de sua biblioteca. Para Nabuco, a Europa é um exílio desejado, um retorno às origens da cultura, mas igualmente uma separação do futuro que deseja e espera realizar na política nacional. Segundo teorias filosóficas e psicológicas do duplo (Jourde & Tortonese, 1996, p. 64), a projeção consiste em atribuir ao outro aquilo que o próprio deseja, mas que está fora do seu alcance. Nabuco e Machado se projetam na geografia do outro: Machado se congratula ao receber o galho de Tasso, máximo presente poético colhido por Nabuco na Itália, e Nabuco escolhe a distância os membros da Academia. Há uma ambiguidade teórica na mútua projeção, porém, que envolve a troca simbólica de identidades: o próprio

encontra no outro qualidades que ele não possui, mas com que se identifica. Pode ressentir-se o outro por isso, tornando a figura ao mesmo tempo estranha e familiar, pois representa o desejo de ser outro, mas ao mesmo tempo uma maneira de mascarar esse desejo latente. São essas algumas das dimensões escondidas nas entrelinhas e na retórica respeitosa.

O caso do “famoso epitáfio” continua a marcar a correspondência, dominada pelos temas de morte, exílio e consolação epistolar. É ainda para a Europa que Machado envia a carta de 5 de janeiro de 1902, intimando que “duas linhas bastam para lembrar que tal coração guarda a memória de quem ficou longe, e fez bater ao compasso da afeição antiga e dos dias passados”. A significação desse sentimento se torna mais aguda para Machado com a morte da esposa Carolina, a 20 de outubro de 1904, e a ausência, uma realidade não apenas geográfica mas transcendente. Desabafa-se da “catástrofe” numa carta a Nabuco, a 20 de novembro, na qual retoricamente agradece a solidão que faz com que possa viver mais intensamente com a lembrança da pessoa amada, ainda observando num aforismo que “a vigília aumenta a falta da pessoa amada”. Nabuco tenta animá-lo, na carta de 17 de novembro de 1904, com palavras que Machado aceita como “altas, cabais e verdadeiras”, nas quais o diplomata alega retoricamente que foi um ato de misericórdia Carolina morrer primeiro, porque as viúvas sofrem tragicamente, e porque o viúvo compensará o vácuo do coração com a consolação de outro romance, que será “a maior dívida da nossa língua para com o túmulo à cuja sombra V. vai se acolher”. A ausência de sua Carolina parece associar-se na tristeza de Machado ao exílio de Nabuco, à afeição antiga e talvez à sua elevação como embaixador aos Estados Unidos, que Machado reconhece numa carta de 11 de janeiro de 1905 endereçada a “Meu caro Embaixador”. Não parece por acaso que, depois da visita de Nabuco ao Rio de Janeiro para a Conferência Pan-Americana (21/7 a 26/8 de 1906), Machado anuncia a ideia de um novo e último livro, numa carta de 7 de

fevereiro de 1907: “Não sei se terei tempo de dar forma e termo a um livro que medito e esboço; se puder, será certamente o último” (Nery, 1932, p. 70). Refere-se a *Memorial de Aires*, romance-diário narrado por um velho diplomata que volta ao Brasil depois de uma vida passada no exterior, havendo deixado o túmulo da esposa falecida na Europa. Mesmo com o exemplo anterior em *Dom Casmurro* de uma esposa abandonada na Europa, o caso de Capitu, pode ser que no *Memorial Machado* tenha pensado em trocar de papéis literariamente com o seu correspondente na criação da personagem do Conselheiro, que o autor chega a anunciar clandestinamente ao diplomata-narrador. É na última carta que lhe dirige, a 1º de agosto de 1908, que Machado anuncia o envio do “meu *Memorial de Aires*” e acrescenta uma frase intrigante, muito possivelmente de dissimulação, escondendo a homenagem: “Você me dirá o que lhe parece”. A projeção do narrador no diplomata parece se confirmar no símbolo da flor amarela usada por Conselheiro Aires e Nabuco na lapela, símbolo de eterna juventude. Curiosamente, Machado recusara o título de “conselheiro”, depois abolido pela República. Num artigo de 1926, o crítico João Ribeiro cita Raul Pompeia, indeciso sobre a maneira de se dirigir a Machado de Assis e lamentando não poder tratá-lo de “Conselheiro Machado”: “Convinha que o Imperador lhe desse o título de Conselheiro, como deu a Rui Barbosa... O ‘Conselheiro Machado’ resolveria as nossas hesitações” (Ribeiro, 1952, pp. 242; 244). Em defesa do título, aponta que “nem envolve nobreza nem privilégio algum, senão o do espírito e da prudência humana” (Ribeiro, 1952, p. 245). Tal o Conselheiro do romance em que Machado se projetara, em forma de diário e memorial, no auge da sua correspondência com o diplomata verdadeiro.

Um terceiro tema em que Machado percebe uma profunda afinidade com Nabuco aparece na interessante carta de 19 de agosto de 1906, ausente das *Obras Completas*, em que Machado comenta o livro de “pensamentos e recordações”, *Pensées Detachées et Souvenirs*, publicado por Nabuco em Paris no mesmo ano. Na



**Joaquim  
Nabuco em  
1889**

carta, Machado louva a coexistência em Nabuco do homem público e do pensador: “Esta obra [...] vem mostrar que em meio dos graves trabalhos que o Estado lhe confiou, não repudia as faculdades de artista que primeiro exerceu e tão brilhantemente lhe criaram a carreira literária”. Comparte

com o autor dos *Pensées Detachées* o gosto pela expressão sucinta de ideias e reflexões filosóficas, como confessa: “Desde cedo, li muito Pascal, para não citar mais que este, e afirmo-lhe que não foi por distração. Ainda hoje quando torno a tais leituras, e me consolo no desconsolo de *Ecclesiastes*,

acho-lhes o mesmo sabor de outrora”. Ao comentar o estilo dessas páginas de Nabuco, parece que Machado está descrevendo a técnica dos próprios escritos:

“Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda, não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer [...]. Há nestas páginas a história alternada da influência religiosa e filosófica, da observação moral e estética, e da experiência pessoal, já agora longa. O seu interior está aqui aberto às vistas por aquela forma lapidária que a memória retém melhor [...]. V. as inscreve de modo direto ou sugestivo, e a nota espiritual é ainda a característica das suas páginas. Que em todas resplandece um otimismo sereno e forte [...]” (Assis, 1932, p. 66).

Por força da imaginação, em alguns exemplos selecionados dos pensamentos que comenta, Machado já vê livros inteiros; as suas escolhas surpreendem pela proximidade a aforismos nos seus romances conhecidos: “‘Mui raramente as belas vidas são interiormente felizes; sempre é preciso sacrificar muita coisa à unidade’, é das que evocam recordações históricas, ou observações diretas, e nas mãos de alguém, narrador e psicólogo, podia dar um livro”. Em outras frases repara na eficácia da ortografia para ensinar melhor uma lição política: “Muita vez se perde uma vida, porque no lugar que cabia ponto final se lança um ponto de interrogação”; e reconhece a origem de muitos ditos filosóficos da boca do povo, “por modo direto e chão”: “Se houvesse um escritório de permuta para as felicidades que uns invejam aos outros, todos iriam lá trocar a sua”. Machado até cita, muito à sua maneira, uma reflexão que põe em relevo todas as nossas observações e as torna duvidosas: “A borboleta acha-nos pesados, o pavão, malvestidos, o rouxinol, roucos, e a águia, rasteiros”. Esse gênero para Machado vai muito além do “apenas poético” para expressar aos olhos do grande autor beleza, verdade, saudade e mistério, indo ainda além da filosofia em que as palavras não mais valem. Na própria obra



as máximas são ainda mais sugestivas e penetrantes, dando outro sabor ao enredo: “[...] as palavras, o verbo, as expressões que vestem as coisas, são o seu jogo imaginário, a sua ginástica de câmara secreta. O maravilhoso malabarista depois de deixar a frase arrastar-se, fá-la saltar repentinamente e goza desse salto, como uma acrobacia da vontade, que o diverte e nos encanta” (Aranha, 1942, pp. 45-6).

Ao encerrar a carta, Machado comenta a releitura de “Massangana”, capítulo de *Minha Formação* (1900), com que retorna ao assunto da ausência e das memórias, ligadas a Carolina e ao romance em formação. Ao considerar o retrato da vida no engenho do norte, levanta a imagem de um mundo do passado perdido para sempre: “Tudo aí, desde o sino do trabalho até a paciência do trabalhador, a velha madrinha, senhora do engenho, e a jovem mucama, tudo respira esse passado que não torna, nem com as doçuras ao coração do moço antigo, nem com as amarguras ao cérebro do atual pensador”. É uma afinidade suprema que Machado reconhece em Nabuco, unidos na perda do passado, lembrado nos “retratos verdadeiros e sentimento” que Machado sente na leitura de “Massangana”. Esse passado é evocado por ambos, revisitando a inocência da juventude com as amarguras da velhice. Em 1906, a leitura dos *Pensées Detachées* e de “Massangana” foi influente em Machado, no momento em que conceituava o último romance, a que parece aludir entre as linhas de sua saudação, “Adeus, meu caro Nabuco, ainda uma vez agradeço a impressão que me deu”.

A correspondência de Nabuco a Machado é igualmente pessoal e afetuosa, porém altamente retórica. Além do assunto prático da organização da Academia Brasileira de Letras e da nomeação dos seus membros, processo minado de considerações políticas, as cartas voltam sempre a assuntos literários. É uma geração que se lê avidamente; Nabuco felicita Machado pelo novo livro, numa carta de 12 de junho de 1900, confessando que “tinha sorvido na fonte”. Nabuco e Graça Aranha leram as provas de *Dom Casmurro* em Paris, por

um lapso do editor, que desrespeitou os preceitos de Machado “de não revelar os seus livros, antes de impressos, mesmo aos seus íntimos”, como confessou Graça Aranha. Voltando de Chicago em 1908, Nabuco leu imediatamente o romance que o esperava; achou-o desconsolado, passando logo depois a receber para o autor “um banho de mocidade prolongado e constante” (Nery, 1932, p. 90). Não é a primeira vez que tomou o papel de conselheiro; em 1904 ofereceu conselhos de animação a Machado depois do falecimento da esposa: “No seu caso a imaginação, o interesse intelectual, o trabalho é um ambiente que permite em parte à dor a evaporação excessiva [...]. V. compreenderá que o vácuo do coração precisa ser compensado pelo movimento e pela agitação do seu espírito” (Assis, 1932, p. 50).

Sempre no contexto de uma confiança de amigo, algumas de suas observações, embora breves e mais alusivas do que concretas, destacam-se pela perceptividade como precursores de opiniões críticas aplicadas posteriormente à obra de Machado. Escrevendo de Londres em 8 de outubro de 1904, lamentando a sentença negativa sobre a demarcação da fronteira com a Guiana, distingue entre as obras de ficção e as cartas do celebrado autor:

“Mas que vivacidade, que ligeireza, que doçura, que benevolência a do seu espírito, eu ia dizendo, que beatitude! Você pode cultivar a vesícula do fel para a sua filosofia social, em seus romances, mas suas cartas o traem. Você não é somente um homem feliz, vive na beatitude, como convém a um Papa, e Papa de uma época de fé, como a que hoje aí se tem na Academia. Agora não vá dizer que o ofendi e o acusei de hipocrisia, chamando-o de feliz” (Assis, 1932, pp. 46-7).

É uma observação confirmada pelo depoimento de Rouanet sobre as cartas inéditas que prepara para publicação no segundo semestre de 2008:

“Lendo essas cartas segundo o fluxo cronológico, dia após dia, vemos um Machado

novo. As cartas de juventude não confirmam o estereótipo de um sujeito casmurro, ensimesmado, antissocial, frio nas relações humanas. O jovem Machado, o Machadinho, era um sacana, boêmio, papava todas as atrizes francesas” (in Bertol, 2008, p. 2.)

Mas Rouanet ainda aceita a tese segundo a qual Machado se torna pessimista e negativo com a idade: “As cartas desconstroem o estereótipo que é verdadeiro para o segundo Machado... A figura dele como melancólico, pessimista, vai se consolidando na maturidade e sobretudo na velhice”. É essa noção de um “segundo Machado” que Nabuco desmente, através de uma distinção sutil entre o homem e a sua vida cotidiana, de um lado, e a filosofia social que tece nos romances. A traição da habitual disposição feliz, a que Nabuco refere-se, tem a ver com esse disfarce de rabugice, com que Machado mantinha a vida intelectual, filosófica e literária distante do seu espírito íntimo. Depois da leitura do *Memorial*, em 3 de setembro de 1908, ao contrário de achar um Machado desesperado, faz elogio à “frescura do espírito” que o impressionou no romance. Nabuco não precisava usar da obra para entender o homem, muito pelo contrário, mostra que o entendeu intimamente, dentro e fora da obra. Se na leitura do *Memorial* encontrou Machado pessoalmente desconsolado e recomendou-lhe a companhia de jovens, ainda acrescentou uma ressalva irônica: “Mas o benefício de infiltrar a mocidade não seria para você só, seria também para eles. Você é a mocidade perpétua cercada de todas essas afetações de velhice”.

Referindo-se à leitura de *Memorial de Aires*, na carta que Machado nunca lerá, Nabuco ainda encontra um autorretrato do seu autor: “Quanto ao seu livro li-o letra por letra com verdadeira delícia por ser mais um retrato de você mesmo, dos seus gostos, da sua maneira de tomar a vida e de considerar tudo. É um livro que dá saudade de você, mas também que a mata”. Não parece ter ocorrido ao senhor embaixador e conselheiro distante que o retrato poderia ser na verdade dele. A “maneira de considerar

tudo”, frase que Nabuco aplica ao *Memorial*, soa muito próxima às palavras com que Machado comentava e louvava as colunas de Londres lidas no *Jornal de Comércio*, de 1883: “Sua reflexão política, seu espírito adiantado e moderado, além do estilo e do conhecimento das coisas, dão muito peso a esses escritos”. Julgando pela descrição do estilo do *Memorial* deixada por Graça Aranha, é um estilo mais ao gosto romântico e sentimental de Nabuco do que o dos romances anteriores:

“É outro Machado de Assis. Não é mais o escritor desdenhoso, desabusado, atrevido, que fragmentara o Universo moral e o analisara cruelmente com o maldito espírito que nega [...]. A petulância do espírito foi convertida em mansidão, a ironia em piedade, a desconfiança em abandono, a dúvida em esperança da outra vida” (Aranha, 1942, p. 67).

Mais uma vez, os dois se contrastam e se complementam como duplos apenas latentes: nessa correspondência entre duas figuras gigantes tão forte é a imagem do outro que o ilustre conselheiro só consegue reconhecer o autor escrevendo da capital do império, enquanto o mestre autor só pensa em retratar o conselheiro, escrevendo no estrangeiro, com a simpatia habitual mas dissimuladamente, como era o hábito dos dois.

Ainda há, na última fase, de 1905 a 1908, outro assunto que aproxima as duas figuras, a nomeação de Nabuco como primeiro embaixador brasileiro em Washington, D.C., em janeiro de 1905: “Começa V. a história desta nova fase da nossa vida diplomática”, escreve Machado. “Você sabe que é sincero este meu gosto de o ver levantado pelo Brasil até onde merece a sua capacidade”. Nessa nova fase, Machado se dedica ao reconhecimento da língua em que escreve e em que se fala na nova república brasileira, que Nabuco vai promover numa aliança com a república americana. Por isso Machado o cumprimenta pelas suas conferências, que lê no *Jornal de Comércio*, e dá os parabéns pelo doutoramento na Universidade de Yale. Ao

comentar os três discursos sobre Camões, na carta de 28 de junho de 1908, é no lugar e na primazia da língua, porém, seja na União Pan-Americana seja no ambiente intelectual americano, que Machado insiste:

“Obrigado por todos e particularmente pelo que trata do lugar de Camões na literatura. É bom, é indispensável reclamar para a nossa língua o lugar que lhe cabe, e para isso os serviços políticos internacionais que se prestarem não serão menos importantes que os puramente literários. Realmente é triste ver-nos considerados, como V. nota,

em posição subalterna à língua espanhola; Você será assim mais uma vez o embaixador do nosso espírito. Um abraço pelas distinções que aí tem recebido e que são para o nosso Brasil inteiro”.

Estando os dois no auge das suas habilidades literárias, empenhados em conseguir o reconhecimento do país e da sua língua no palco mundial, acaba a correspondência com o falecimento de Machado em 29 de setembro de 1908, deixando um conselheiro, homem público, longe do Brasil e outro, literário, andando pelas suas derradeiras páginas.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Ana Isabel de Souza Leão. *Catálogo da Correspondência de Joaquim Nabuco*. Recife, Ministério da Educação e Cultura/Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.
- ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Joaquim Nabuco, José Verissimo, Lucio de Mendonça, Mario de Alencar e Outros, Seguida das Respostas dos Destinatários*. Coligida e anotada por Fernando Nery. Rio de Janeiro, Oficina Industrial Graphica, Americo Bedeschi, 1932.
- \_\_\_\_\_. “Epistolário”, in *Obras Completas*. vol. 3. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, pp. 1.028-94.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis & Joaquim Nabuco: Correspondência*. Intr., org., notas e pref.: José Murilo de Carvalho. 3ª ed. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2003.
- ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: Comentários e Notas à Correspondência*. São Paulo, Monteiro Lobato, 1923.
- \_\_\_\_\_. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco, Comentários e Notas à Correspondência entre Estes Dois Escritores*. 2ª ed. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1942.
- BERTOL, Rachel. “Atar as Duas Pontas da Vida”, entrevista com Sergio Paulo Rouanet, in *O Globo*. Rio de Janeiro, 14/jun./2008.
- CARVALHO, José Murilo de. “As Duas Repúblicas”, in *Machado de Assis & Joaquim Nabuco: Correspondência*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2003.
- COUTINHO, Afrânio. “Um Machado Diferente”, in Machado de Assis. *Obras Completas*. vol. 3. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1979, pp. 1.027-8.
- JOURDE, Pierre; TORTONESE, Paolo. *Visages du Double: Un Thème Littéraire*. Paris, Nathan, 1996.
- NABUCO, Joaquim. *Cartas a Amigos*. Coligidas e anotadas por Carolina Nabuco. 2 vols. São Paulo, Instituto Progresso Editorial, 1949.
- RIBEIRO, João. “O Conselheiro Machado de Assis”, in *Clássicos e Românticos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 1952, pp. 242-5.
- ROGERS, Robert. *A Psychoanalytic Study of the Double in Literature*. Detroit, Wayne State UP, 1970.
- SECCHIN, Antônio Carlos. “Escritores entre o Império e a República”, in *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 30/jun./2004.